



## Sobre veleidades, cinismos e apatias

Dilson Ferreira da Cruz\*

**Resumo:** Embora o cínico seja caracterizado por certa atitude desafiadora; o apático, por uma indiferença em relação a tudo e a todos, e o veleidoso, por uma inconstância que marcaria seu modo de agir, uma consulta ao dicionário indicará que as três disposições passionais têm mais em comum do que se possa pensar inicialmente, apesar, evidentemente, de diferenças significativas. A semelhança se deve ao fato de as três estarem relacionadas a uma mesma modalidade — o querer —, ao passo que a diferença decorre do comportamento das cinco variáveis eleitas para a realização desta análise: a realização ou não de operações de filtragem; o comportamento das valências ligadas à intensidade e das ligadas à extensidade, o andamento da relação do sujeito com seus objetos e o regime de valores vigente em cada caso, se de universo ou de absoluto. É a combinação desses cinco elementos que acaba por fazer com que o veleidoso, o apático e o cínico assumam comportamentos bastante distintos, muito embora tenham uma mesma modalidade no cerne de sua definição. Este artigo procura examinar a relação existente entre essas três paixões sob a ótica dos parâmetros citados, buscando, ainda, um contraponto entre tais sujeitos e outros que são considerados versáteis e ponderados.

**Palavras-chave:** paixão, modalidade, apatia, veleidade, cinismo

**A**INDA RECÊM-NASCIDA, A SEMIÓTICA já ensinava que sujeitos e objetos não têm existência autônoma, mas derivam suas identidades das relações que mantêm entre si. Se, por um lado, o objeto não existe senão em razão do valor nele investido pelo sujeito; por outro, a identidade do sujeito decorre dos valores por ele buscados e da relação mantida com o objeto de sua busca. Mais que isso: a semiótica mostrou que os percursos narrativos e a própria narratividade se constroem mediante a alternância dos consórcios entre os sujeitos e seus objetos e a busca pelos valores que motivaram sua união ou seu divórcio.

A incorporação de conceitos da fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty, ocorrida, principalmente, a partir dos anos 90, não abalou tais convicções. Longe de representar uma quebra de paradigma, o convívio com a fenomenologia permitiu que a categoria da junção fosse substituída pela da presença. Já a tradução desta, em termos tensivos, foi realizada, no escopo da semiótica, por Zilberberg e Fontanille. Conseqüentemente, a relação entre sujeito e objeto (ou melhor, entre o sujeito e os valores investidos nos objetos) deixou de limitar-se a posições discretas (conjunção ou disjunção) e passou a constituir uma função contínua, cujo contradomínio é decorrente do comportamento das duas principais variáveis: intensidade e extensi-

dade. A inclusão da tensividade — aliás, presente já no *Dicionário I* (Greimas; Courtés, 1979) — no modelo semiótico permitiu também mostrar que o próprio valor é um termo dependente, resultante da atuação de suas duas componentes (extensidade e intensidade) e das operações de abertura e fechamento do campo de presença. Para nossos propósitos, a maior consequência de tal desenvolvimento foi a possibilidade de estudar o valor do valor, pois o próprio valor passou a ser, também ele, suscetível de ser valorado ou ainda considerado em termos fóricos. Ora, se a identidade do sujeito nasce de sua relação com os objetos e se estes só lhe interessam em razão dos valores de que são portadores, então, o valor do valor, portanto, sua valência, é elemento essencial na definição da identidade do sujeito. Para tentar compreender essas questões, a seguir serão estudadas três paixões que não gozam de grande popularidade, mas ilustram as questões acima de forma exemplar. São elas: o cinismo, a apatia e a veleidade.



Embora o cínico seja caracterizado por certa atitude desafiadora, o apático, por uma indiferença em relação a tudo e a todos, e o veleidoso, por uma inconstância

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie/GES-USP. Endereço para correspondência: (dfc70@hotmail.com).

que marcaria seu modo de agir, uma consulta ao dicionário indicará que as três disposições passionais têm mais em comum do que se possa pensar inicialmente, apesar, evidentemente, de possuírem diferenças significativas. A semelhança deve-se ao fato de todas estarem relacionadas a uma mesma modalidade — o querer —, ao passo que a diferença decorre da realização ou não de operações de filtragem, do comportamento das valências de intensidade e de extensidade em cada paixão e do regime de valores existente em cada caso. É a combinação desses fatores que acaba por fazer com que o veleidoso, o apático e o cínico assumam comportamentos bastante distintos.

Antes de prosseguir, convém esclarecer que não há, em tal abordagem, qualquer preocupação de natureza psicológica. A veiedade, a apatia e o cinismo serão investigados como três modos de existência semiótica ou, o que dá na mesma, como três modalidades de constituição de valores pelo sujeito e, conseqüentemente, de sua identidade. Começemos pela veiedade.

Como o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss, 2001) nos informa apenas que veleidoso é aquele que manifesta veiedade, somos obrigados a procurar pela definição do substantivo, e daí, na falta de uma definição, temos duas. A primeira afirma que veiedade é o “grau mais baixo da volição”, a qual é definida pelo mesmo dicionário como “ação de escolher”. Por sua vez, escolher, ainda segundo o *Houaiss*, é “manifestar preferência (por alguém ou algo)”. Em outras palavras, o veleidoso é aquele que apresenta uma pequena competência para manifestar preferências, ou, em termos tensivos, aquele que não tem competência para realizar operações de triagem. Tal deficiência acaba por ampliar a extensão de seu campo de presença e por reduzir a intensidade em seu interior, tornando, assim, átona toda ligação com os objetos. Como se pode ver, nesse caso, extensidade e intensidade estão em relação inversa: o crescimento da segunda implica a redução da primeira, o que indica que o veleidoso habita um mundo no qual predominam os valores de absoluto e no qual se deve optar por uma relação mais intensa com poucos objetos ou menos intensa com vários objetos.

A segunda definição de veiedade explica que o sujeito que a manifesta é volúvel, isto é, não perseverante, inconstante. Reunindo-se essa definição à anterior, percebe-se que o querer efêmero do veleidoso, traduzido em sua inconstância, é conseqüência do fato de ele se ver eternamente disputado por vários objetos e de tal disputa ser decorrente, como citado, da inexistência ou escassez de operações de filtragem. É que antes de ele decidir-se por um dos objetos de seu campo de presença surge outro que afasta os que o precederam, mas que em breve será elidido por um novo e assim sucessivamente. Tal instabilidade torna o campo de presença do veleidoso excessivamente extenso ou, ao

menos, excessivamente extenso em relação à intensidade. Isso faz com que a relação do sujeito com os objetos adquira um andamento, um ritmo, muito acelerado: a chegada de um novo ente passa rapidamente da surpresa para a rotina, e o recém-chegado logo se torna aborrecido. O baixo grau de volição do veleidoso não decorre, portanto, de um querer pouco intenso, mas da multiplicidade daqueles que disputam seu querer, ou, melhor dizendo, da quantidade de objetos que semantizam, ao menos potencialmente, o sujeito. Como veremos a seguir, essa é a diferença principal em relação ao apático, que apresenta um querer de fato átono, independentemente do número de ligações sintáticas possíveis. Examinemo-lo mais de perto.

A princípio, registre-se que, etimologicamente, a apatia é a ausência de paixão e, mais precisamente, de sofrimento. Segundo o *Dicionário Houaiss* (2001), a apatia é um “estado [de alma] caracterizado por indiferença, ausência de sentimentos, falta de atividade e de interesse” ou ainda “falta de energia (física e moral)”. No conjunto das definições ofertadas pelo dicionário, sobressai a disjunção com o querer e a atonia generalizada; a falta de energia física ou moral que impede a conjunção do apático com qualquer objeto. Note-se que a ausência de sofrimento indicada pela etimologia da palavra só pode ser alcançada pela inexistência de privações e que tal situação pressupõe que todas as necessidades foram satisfeitas ou que não existe falta, no sentido semiótico do termo. Tanto em um caso quanto em outro, conclui-se que para esse sujeito não há, no limite, objetos a serem buscados, pois nenhum deles teria valor. Em outras palavras, para ele, as valências tendem à atonia — aliás, como atesta sua “falta de interesse”.

Como se sabe, os valores são regidos por duas espécies de valências: as relacionadas à intensidade, que modulam o afeto e a atração inerente à relação entre sujeito e objeto, e as relacionadas à extensão, que regem a percepção que o sujeito tem do mundo e determinam a funcionalidade que os objetos assumem para ele — portanto, seu valor. Ora, se para o apático as duas valências são átonas, então, para ele, os valores — embora existentes, que fique claro — não têm qualquer valor. Apesar de tanto o veleidoso quanto o apático apresentarem um comportamento exterior semelhante, caracterizado pela não apreensão plena do valor buscado, ou mesmo pela ausência de buscas efetivas, as causas para tal estado são distintas. Quando se examinou o veleidoso, concluiu-se que a causa de seu comportamento não está exatamente na tonicidade da ligação entre sujeito e objeto, mas na ausência de operações de triagem que limitem o número de actantes em jogo e assim impeçam a redução da tonicidade entre sujeito e objeto. Já o comportamento do apático tem causas bem diversas. A não conjunção se origina na atonia dos dois tipos de valências: não

apenas a intensidade é átona, mas também a extensidade é muito reduzida e daí sua indiferença. Ou seja, agora extensidade e intensidade estão em relação conversas, porém ambas são átonas, o que conduz o apático à inatividade. Por isso, a existência ou não de operações de triagem pouco importa, pois o campo de presença é extremamente rarefeito; não há, portanto,

o que filtrar. Isso também explica porque o andamento de sua relação com os objetos é, ao contrário do que ocorre com o veleidoso, extremamente lento: como intensidade e extensidade são átonas, não há irrupção de objetos, ou ela ocorre muito raramente.

A Tabela 1 a seguir sintetiza as diferenças e semelhanças entre o veleidoso e o apático:

	<b>Veleidoso</b>	<b>Apático</b>
Intensidade	pouca tônica	tendendo à nulidade
Extensidade	ampla	reduzida
Operações de filtragem	poucas	não se aplica
Regime de valores	absoluto	universo
Andamento	rápido	lento

Tabela 1: Comparativo entre o veleidoso e o apático

Como se pode observar, se o baixo grau de volição, leia-se intensidade, aproxima o veleidoso do apático, que é caracterizado por sua indiferença, os demais parâmetros utilizados na comparação parecem colocá-los quase em uma situação de antagonismo. Tal fato nos leva a mitigar a informação do início deste artigo, acerca da semelhança entre esses dois sujeitos. De fato, a descrição de seus comportamentos e a presença de uma mesma modalidade de base — o querer — os aproxima, porém tal coincidência revela-se de menor importância do que imaginado em um primeiro momento, quando se tem em mente apenas a maneira de agir do sujeito.



Dois contrapontos auxiliarão a melhor compreender o funcionamento das valências para o veleidoso e para o apático: primeiro, uma comparação entre o veleidoso e o versátil; depois, entre o apático e o ponderado. Diz o dicionário que versátil é aquele “que possui várias qualidades ou habilidades, podendo aprender ou realizar diferentes coisas”. Nele também predomina tanto um querer extenso, subentendido pelo fato de ele realizar ou aprender diversas coisas, quanto valores de universo, como indicam suas várias habilidades ou qualidades. No entanto, a multiplicidade de objetos com os quais o versátil se relaciona não o conduz à inércia como ocorre com o veleidoso, pois as valências de intensidade e extensidade também são convergentes: a amplitude de uma não implica a atonia da outra, e o campo de presença desse sujeito pode expandir-se sem que seja comprometida a intensidade da sua ligação com os objetos. Dois fatores contribuem para isso:

o primeiro refere-se às modalidades com as quais o versátil está em conjunção, não apenas o querer, mas também o poder e o saber. Ele não apenas *quer* vários objetos, mas *pode* e *sabe* executar programas narrativos para obtê-los. Embora nada se saiba quanto ao poder e ao saber do veleidoso, o fato é que essas duas modalidades não são suficientes para que ele se torne um sujeito realizado: ainda que *saiba* ou *possa* executar determinado programa, tais competências são anuladas pela multiplicidade de objetos focados. O segundo fator diz respeito ao funcionamento das operações de triagem. No caso do veleidoso, as operações de abertura são tão amplas que fazem com que quase não exista triagem e que um novo objeto se torne insigificante logo após sua chegada. A situação do versátil é diferente, pois ele tem várias, mas não excessivas, habilidades que o capacitam a diversos fazeres: embora predominem os valores de universo, a abertura não é tal a ponto de comprometer seu poder ou seu saber ou, melhor dizendo, o poder e o saber funcionam, de certa forma, como operadores de fechamento, o que acaba por gerar a triagem e impedir que as ligações se fragmentem.

A Tabela 2, na página seguinte, leva a uma conclusão de certa forma oposta à que se chegou após o exame da Tabela 1. Lá foi observado que, a despeito da semelhança de comportamentos entre o veleidoso e o apático, que não realizam plenamente a conjunção com seus objetos, os dois sujeitos têm pouco em comum. Agora se percebe uma situação oposta: embora o veleidoso e o versátil tenham atitudes bastante distintas diante de seus programas narrativos, eles

apresentam vários pontos em comum no que diz respeito à intensidade e à extensidade e ao andamento acelerado de suas relações com os objetos. A diferença de comportamento resulta, de um lado, do regime de valores vigente — de absoluto para o veleidoso e de universo para o versátil — e, de outro, da realização de mais operações de filtragem pelo segundo. No entanto, esta última conclusão não é satisfatória, pois é preciso que se explique o que possibilita tais operações. A explicação (que não exaure a questão, é preciso reco-

nhecer) decorre justamente da existência de outras modalidades ao alcance do versátil, conforme citado mais acima. Ao contrário do veleidoso, ele não apenas quer determinado objeto, mas pode consegui-lo por dispor também de um saber que o capacita para tanto. A esse respeito, recorde-se que Greimas e Courtès (1979) já apontavam que o querer é uma modalidade virtualizante, ao passo que o poder e o saber são atualizantes e capacitam o sujeito para o fazer e, portanto, para sua realização<sup>1</sup>.

	<b>Veleidoso</b>	<b>Versátil</b>
Intensidade	pouca tônica	tônica
Extensidade	ampla	ampla
Operações de filtragem	poucas	não tão poucas
Regime de valores	absoluto	universo
Andamento	rápido	rápido

Tabela 2: Comparativo entre o veleidoso e o versátil

O contraponto seguinte é estabelecido entre o apático e o ponderado. Este último está definido no *Houaiss* (2001) como pessoa “serena”, “calma”, “que, por temperamento, não se excita ou perturba com facilidade”. Ou seja, ao contrário do que ocorre com o veleidoso, o ponderado não se põe em movimento por qualquer coisa. No entanto, ele também não fica inerte como acontecia com o apático. A diferença entre este e aquele se mostra, assim, mais quantitativa que qualitativa. A pequena agitação do ponderado é provavelmente fruto de uma combinação de fatores: no que se refere às valências, as relacionadas à extensidade não são tão amplas quanto as do veleidoso nem totalmente fechadas, como ocorre com o apático. Ao que tudo indica, para o ponderado voltam a valer os valores de absoluto e, conseqüentemente, intensidade

e extensidade passam a estar em relação inversa: para garantir a intensidade da captura o ponderado reduz seu foco, o que faz com que ele não se excite com facilidade. Pode-se pensar, ainda, que seu foco mais preciso se deve, uma vez mais, a operações de triagem que selecionam os objetos que passarão a habitar o campo de presença do sujeito. Em uma rápida comparação com o veleidoso, pode-se dizer que naquele caso o que tornava a intensidade átona era a multiplicidade de objetos ou a extensão do campo de presença, ao passo que agora a intensidade é relativamente tônica, pois o que a torna suficiente para manter a ligação com os objetos é a reduzida dimensão do campo de presença. A Tabela 3 sintetiza a comparação entre o apático e o ponderado:

	<b>Apático</b>	<b>Ponderado</b>
Intensidade	muito átona	não tão átona
Extensidade	muito reduzida	não tão reduzida
Operações de filtragem	não se aplica	muitas
Regime de valores	universo	absoluto
Andamento	lento	lento

Tabela 3: Comparativo entre o apático e o ponderado

<sup>1</sup>Cf. Greimas, Algirdas; Courtès, Joseph. *Sémiotique. dictionnaire raisonné de la théorie du langage I*. Paris: Hachette, 1979, p. 231.

Como se pode observar a diferença entre o apático e o ponderado é mais quantitativa do que qualitativa. A intensidade das relações do ponderado com seus objetos é mais tônica do que as do apático e a extensidade não é tão reduzida. As diferenças qualitativas devem-se, mais uma vez, às operações de filtragem. Sua origem pode ser buscada na definição que os dicionários oferecem para ponderado. O ponderado é associado ao sensato que, por sua vez, é definido como aquele que tem bom senso, que age com juízo e cautela. Além de outros fatores que o diferenciam do apático, o ponderado seria detentor de um saber ou poder de que não dispõe o apático, ou de que o apático não disporia de forma a superar sua imobilidade.



Até agora foram examinadas situações em que ou uma valência (o veleidoso) ou as duas (o apático) tendiam à nulidade, sendo que nos dois casos a modalidade de base era o querer. Mas o que aconteceria se fosse acrescida outra modalidade, por exemplo, o crer ou o dever? Para tentar responder a essa questão, examine-se a definição dos dicionários para cínico. Segundo *Houaiss* (2001), o cínico é aquele “que afronta ostensivamente as convenções e conveniências morais e sociais”. Examinando a definição do dicionário à luz do cinismo, tal como a doutrina foi defendida na Grécia antiga por Arístenes e Diógenes, vê-se que o cínico é aquele que não apenas não compartilha os valores de seu grupo social, mas os afronta ostensiva e conscientemente. Verbo e advérbio não deixam dúvidas: o percurso narrativo do cínico é constituído por dois estágios. Primeiro, um não-crer conjugado a um fazer não-crer, ambos intensos e extensos, pois o não-crer do cínico abarca todos os valores de sua sociedade. Em seguida, em decorrência de suas crenças, o cínico passa a dever não-querer. Ora, a única maneira de realizar tal percurso é eliminar o valor de todos os valores, o que implica a anulação de todas as valências, o que, por sua vez, obriga esse sujeito a esvaziar-se de qualquer querer. O cínico deveria satisfazer suas necessidades — quaisquer fossem elas e não importa onde, quando ou como — antes mesmo

que elas surgissem, como uma precaução para que não viesse a sofrer em função de um desejo que não pudesse ser satisfeito ou cuja necessidade de satisfação viesse a subjugar-lo, impedindo-o, desse modo, impedi-lo de sentir-se totalmente livre. Afinal, para ele, a eliminação de qualquer desejo é pré-requisito para a liberdade. O cínico é, enfim, aquele em relação ao qual nenhum objeto exerce qualquer poder de atração; trata-se de um sujeito para quem a tonicidade de tudo é nula, para o qual não existem valores, e, por isso, ele sente-se livre, inclusive para violar as regras.

Comparando o cínico com o apático percebe-se que nos dois casos as valências tendem à nulidade, mas isso não conduz o primeiro ao comportamento provocador do segundo nem leva, via de regra, o cínico à inatividade que caracteriza o apático. A radical mudança de comportamento tem duas causas: a primeira relaciona-se à extensidade e deve-se ao fato de o cinismo envolver, conforme citado, não apenas o querer, mas também o crer e o dever. Ou seja, o não-querer do cínico não decorre de uma falta de energia, digamos, natural, como ocorre com o apático, mas é fruto de um percurso narrativo específico, de um encadeamento de modalidades. Seu não-crer (ou, se preferirmos, o crer nos princípios da doutrina que segue) gera um dever de duas vertentes: de um lado, não-querer; de outro, fazer não-crer. Ao que tudo indica (mas ainda é preciso demonstrar), as valências do cínico ligadas à extensidade seriam mais amplas que as do apático, pois este tem um dever menos extenso. A segunda causa relaciona-se, conforme esperado, à baixa intensidade do querer, que, para o cínico, seria totalmente nula, e isso a ponto de fazer com que o valor — mesmo se relacionado às necessidades primeiras do indivíduo — acabe por não ter valor, por não existir de fato. Atente-se para a diferença em relação ao apático: os valores — por exemplo, a vergonha ou o prestígio — existem para ele; o problema é que o valor desse valor é reduzido. Já no caso do cínico, dada a anulação de qualquer afeto e, portanto, de qualquer intensidade, o valor também desaparece: e ele realmente não se importa com nada. Se para o apático o prestígio tem pouca importância, para o cínico ele nem mesmo chega a constituir-se como valor (ver Tabela 4):

	<b>Apático</b>	<b>Cínico</b>
Intensidade	tende a nulidade	nula
Extensidade	muito reduzida	ampla
Operações de filtragem	não se aplica	muitas
Regime de valores	universo	universo (?)
Andamento	lento	(?)

Tabela 4: Comparativo entre o apático e o cínico

A comparação entre o apático e o cínico permite que se observe outra configuração das variáveis adotadas neste artigo. A total nulidade da intensidade acaba por fazer com que o valor deixe de existir para o sujeito cínico. Tal desaparecimento acaba por gerar mais dúvidas: até que ponto se pode falar que a extensidade é ampla? A assertiva é correta se for considerado que o desdém dos cínicos (tal como o dos finados) não conhece limites, mas, se pensarmos que o cínico não se relaciona verdadeiramente com nada, a conclusão é oposta: a extensidade seria, na verdade, ínfima. Dilema semelhante se apresenta quando o assunto são as operações de filtragem: para o cínico elas seriam tantas que nada passaria pelo filtro. No entanto, se é assim, não se pode pensar que na prática não há filtro, mas simplesmente a inexistência de qualquer ligação entre sujeito e objeto? Finalmente, a mesma indefinição surge quando se busca conhecer o regime de valores ou o andamento da relação entre sujeito e objeto. Nesse caso, duas conclusões opostas são igualmente possíveis: primeiro, a ausência de relações entre sujeito e objeto afetaria a própria razão de ser do conceito de andamento; segundo, a ausência de relacionamento entre ambos seria decorrente de um andamento extremamente rápido, muito mais do que o verificado no caso do veleidoso, o qual não permitiria que se estabelecessem relações entre os dois actantes.



O exame da veledade, da apatia e do cinismo confirmou, como se esperava, que a relação entre sujeitos e objetos é definidora da identidade de ambos, porém indicou a importância de considerar nessa relação aspectos tensivos, tais como as operações de filtragem e o comportamento das valências, o qual acaba não apenas por definir a morfologia do valor e do objeto, mas também a própria identidade do sujeito. No entanto, é preciso explicitar um aspecto. No início, afirmou-se que a veledade, a apatia e o cinismo eram modalidades de relacionamento do sujeito com seus objetos. Contudo, obviamente, os objetos só interessam aos sujeitos na proporção em que são portadores de valores. Tal constatação nos leva a concluir que a tensividade não afeta apenas o estado passional do sujeito, mas o faz na medida em que determina o processo de investimento de valores nos objetos. De outra forma: a intensidade do foco e a extensidade da apreensão do sujeito têm como contrapartida o modo como acontecerá a atribuição de valores aos objetos. Assim, o veleidoso conseguiria semantizar o objeto, porém a atonia da intensidade não permitiria que tal valor se conservasse e logo o objeto se tornaria sem valor para

ele. O veleidoso iniciaria então uma nova busca por um receptáculo para seu valor. O apático, por sua vez, sequer conseguiria semantizar o objeto, pois não apenas seu foco é átono, mas também a apreensão. Por isso, os objetos lhe são, em geral, indiferentes. Finalmente, o fazer do cínico indica que ele percorre o caminho oposto. A afronta ostensiva a que se refere o dicionário consistiria, basicamente, na dessemantização dos objetos: ao afrontar as convenções, em um primeiro momento o cínico mostraria que elas não têm significado nenhum para ele, mas a repetição do processo acabaria (é a sua meta) por exterminar todos os valores. É por isso que o cínico seria, nas palavras de Fontanille, um militante antiaxiológico.

Antes de encerrar é preciso lembrar que essas questões já estavam presentes em *Semiótica das paixões*, especialmente em uma passagem que mostra que as valências exercem um papel fundamental na definição dos valores dos objetos. Recordemo-la brevemente.

Poderíamos dizer que de algum modo nessa relação sujeito e objeto se escolhem mutuamente; o sujeito, porque impõe progressivamente ao objeto propriedades sintáticas seletivas; o objeto, porque semantiza o sujeito, sendo a valência o critério regulador desse encontro.

O investimento semântico reconhecido conforme a valência recebe, então, recursivamente “as atrações/repulsões” próprias à fôria e que, agora polarizados, constituem uma axiologia [...] (Greimas; Fontanille, 1991, p. 48 [nossa tradução; grifo nosso]).

Ora, se a valência é, simultaneamente, reguladora do encontro do sujeito com o objeto e mesmo da semantização de um pelo outro, então, o jogo de intensidade e extensidade acabará por esculpir o valor no objeto e transformar o sujeito em uma espécie de Pigmalião que, afinal, é seduzido pelo próprio artefato que criou. ●

## Referências

- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
1979. *Sémitique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage I*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques  
1991. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil.
- Houaiss, Antônio  
2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Cruz, Dilson Ferreira da  
De velléités, cynismes et apathies  
*Estudos Semióticos*, vol. 5, n. 2 (2009)  
ISSN 1980-4016

---

**Résumé:** *Nous admettons au départ, comme on l'entend souvent, que l'individu cynique est caractérisé par un comportement provocateur, l'apathique par l'indifférence envers tout être et toute chose et le velléitaire par l'inconstance dans sa façon d'agir. Les dictionnaires montrent cependant que ces trois dispositions d'esprit présentent plus de points communs que ce que l'on pourrait imaginer dans un premier temps, malgré des différences importantes. Leur similitude tient au fait que ces trois dispositions passionnelles concernent une même modalité – le vouloir – tandis que leur dissemblance résulte du comportement des trois variables élues par le présent article : la réalisation des opérations de tri, le comportement des variables liées à l'intensité et à l'extensité, le tempo du rapport entre le sujet et l'objet et le régime de valeur mis à contribution dans chaque cas de figure. Dès lors, c'est la combinaison de ces trois facteurs qui conduit le velléitaire, l'apathique et le cynique à avoir des comportements assez divergents. Cet article se propose d'examiner le rapport entre ces trois passions et les processus sémiotiques signalés, cherchant à mettre en relief les différences et les similitudes entre, d'une part, le sujet velléitaire et celui qui a plusieurs habiletés, et de l'autre, entre l'apathique et le modéré.*

**Mots-clés:** *passion, modalité, apathie, velléité, cynisme*

---

### Como citar este artigo

Cruz, Dilson Ferreira da. Sobre veleidades, cinismos e apatias. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: ( <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> ). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 45-51. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 30/11/2008

Data de sua aprovação: 24/03/2009

---